

# Os determinantes das escolhas ocupacionais das jovens mulheres das áreas rurais do Sul do Brasil

**Resumo:** O artigo analisa os determinantes das escolhas ocupacionais das jovens mulheres de 15 a 29 anos de idade residentes nas áreas rurais do Sul do Brasil. Para tanto, utiliza-se um modelo *logit* multinomial com dados do Censo Demográfico de 2010. Observou-se que aproximadamente 22% das moradoras sulistas do meio rural não participam da PEA e não estudam, 16% participa da PEA e estuda, 46% somente participa da PEA e 16% apenas estuda. Além disso, a escolaridade tanto da jovem quanto dos pais, mostrou-se essencial para dirimir a exclusão social. Já o fato de ter filhos tende a incentivar a jovem a transitar para a categoria nem-nem, sobretudo na adolescência. Diante disso, esta pesquisa reforça a importância de desenvolverem-se políticas públicas juvenis consistentes uma vez que a dedicação aos filhos e a inflexibilidade da jornada de trabalho dessas jovens podem tornar oneroso seu engajamento profissional e potencializar o atraso escolar.

**Palavras-chave:** Escolhas ocupacionais; Mulheres; Sul Rural.

**Abstract:** *This article analyzes the determinants of the occupational choices of young women aged 15-29 living in the rural areas of southern Brazil. A multinomial logit model with data from the 2010 Demographic Census is used. It was observed that approximately 22% of rural dwellers in the rural areas do not participate in the EAP and do not study, 16% participate in the EAP and study, 46% only participates in the EAP and 16% only studies. In addition, the schooling of both the young person and the parents has proved to be essential in order to tackle social exclusion. Already the fact of having children tends to encourage the young to move to the nem-nem category, especially in adolescence. Therefore, this research reinforces the importance of developing consistent youth public policies since the dedication to the children and the inflexibility of the working day of these young people can make their professional engagement onerous and potentiate the backwardness of the school.*

**Keywords:** *Occupational choices; Women; Rural South.*

**Classificação JEL:** P25; R1; P23; C13; C25

Juliane da Silva Ciríaco<sup>1</sup>

Otoniel Rodrigues dos Anjos Júnior<sup>2</sup>

Celina Santos de Oliveira<sup>3</sup>

Julyan Gleyvison Machado Gouveia Lins<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Doutoranda em Economia pelo Centro de Aperfeiçoamento de Economistas do Nordeste da Universidade Federal do Ceará (CAEN-UFC).  
E-mail: julianeciriacio@hotmail.com. End. Av. da Universidade, 2762 – 2º andar - Benfica - CEP: 60.020-181 – Fortaleza-CE.

<sup>2</sup> Doutorando em Economia pelo Programa de Pós-Graduação em Economia da Universidade Federal da Paraíba (PPGE-UFPB).  
E-mail: pbdosanjos@hotmail.com.

<sup>3</sup> Doutora em Economia pelo PPGE-UFPB. Professora da Universidade Federal do Ceará (UFC) – Campus Sobral.  
E-mail: oli.celina@gmail.com.

<sup>4</sup> Doutor em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco.  
E-mail: julyanlink@hotmail.com.

## 1. Introdução

Na atualidade, apesar do intenso estudo de órgãos e agências multilaterais dedicadas à defesa dos direitos humanos e da inserção de medidas de combate à exclusão social em diversos países do mundo, os índices de inatividade laboral juvenil ainda perduram. Tal aspecto tornou-se um problema social de monta no Brasil e no mundo, bastante discutido e difundido na mídia e na sociedade, sobretudo com foco na elaboração de políticas públicas.

Como integrantes da população economicamente ativa, os jovens apresentam características próprias que lhes atribui uma situação mais adversa no mercado de trabalho (BASTOS e MATOS, 2007). Neste sentido, tem-se que a falta de experiência pode dificultar a obtenção de um emprego e ocasionar rendimentos menores (LOURENÇO, 2002). Além disso, a posição do jovem na esfera familiar, na maioria das vezes não sendo o chefe de família, e sim um dependente, proporciona ou estimula uma instabilidade ocupacional (ROCHA, 2008; SARRIERA *et al.*, 2000).

A literatura aponta que parte da população jovem tem resistido à transição para a vida adulta independente (BOWLBY, 2002; ABREU, 2005; VIEIRA e RAVA, 2010). Nesse caso, prolongam a permanência na casa dos pais mesmo após atingir estabilidade financeira (DE VOS, 1989; FILGUEIRA *et al.*, 1997; COBO e SABOIA, 2010; MORAIS e RÊGO, 2011). Outro fenômeno relativo à população jovem é a denominada geração nem-nem (jovens que não procuram emprego e que não estudam).

Na América Latina são 106 milhões de jovens sendo que 20% encontram-se na situação nem-nem (OIT, 2010; RODRÍGUEZ, 2012). O fenômeno do jovem nem-nem afeta diversos países como, por exemplo, Argentina (19,7%), Brasil (17,9%), México (21%) dentre outras nações. Assim, diversos países apresentam expressiva proporção de jovens na situação nem-nem ao redor do mundo (D'ALESSANDRE, 2010; RODRÍGUEZ, 2012). No México, 15% dos jovens nem-nem não concluíram o ensino superior mesmo vivendo em lugares cujo 85% dos chefes de família completaram (GUTIÉRREZ *et al.*, 2014).

A recusa simultânea de estudar e trabalhar podem ser fruto da falta de interesse, característica de uma geração apática, desvitalizada e acomodada ao conforto familiar (BARBERÍA, 2009). Uma série de pesquisas foi construída com foco nos jovens que não trabalham e não estudam (GUTIÉRREZ *et al.*, 2014; BENJET *et al.*, 2012; CAMARANO e KANSO, 2012; RODRÍGUEZ, 2011; BARBERÍA, 2009; PEMBERTON, 2008; CAMARANO *et al.* 2006; YATES e PAYNE, 2006; FURLONG, 2006; MAGUIRE e RENNISON, 2005) mas ainda há muito a ser feito.

A Figura 1 apresenta a distribuição de jovens (entre 15 a 29 anos) no nível Brasil e grandes regiões, com intuito de identificar uma possível heterogeneidade local na situação ocupacional desses jovens, no período de 2002 e 2012.

Em termos de Brasil, percebe-se que cerca de 50% dos jovens estão empregados ou procurando emprego, outros 20% estão na mesma situação e ao mesmo tempo estudando. Já quase 18% estão apenas estudando e 14% são classificados como jovens nem-nem, que nem trabalham ou procuram emprego e nem estudam. É possível destacar ainda, que a categoria PEA e estuda reduziu cerca de 19% entre 2002 e 2012, ao mesmo tempo que só estuda aumentou 6%, só PEA aumentou 4,8% e nem-nem aumentou 4,5%.

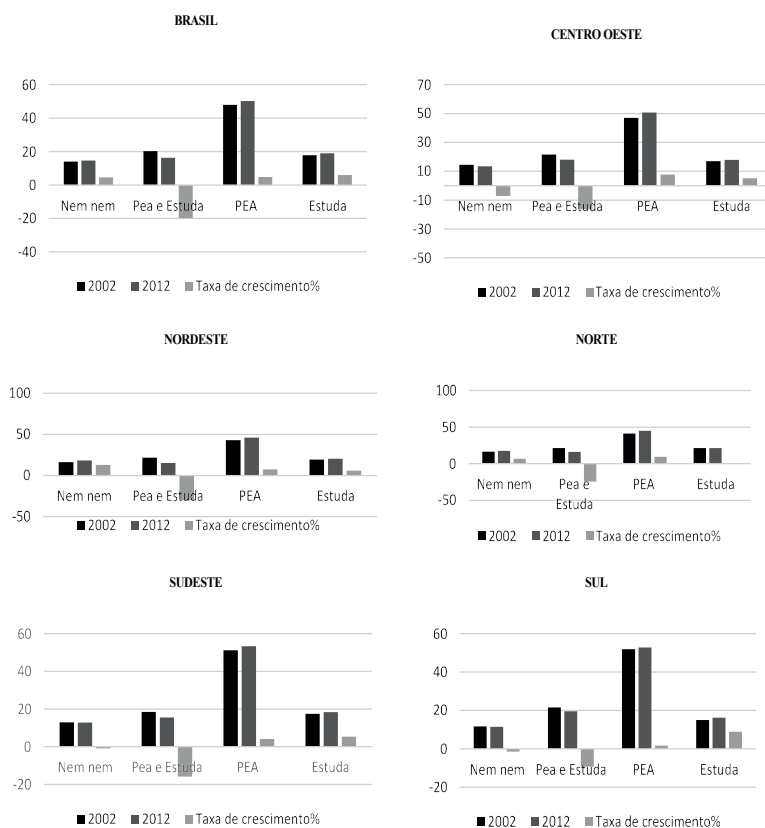
A Região Norte e Nordeste apresentaram as maiores taxas de crescimento da categoria nem- nem e as maiores quedas na categoria PEA e estuda. Com relação à distribuição ocupacional, em linhas gerais, as Regiões acompanham a mesma distribuição ocupacional dos jovens para o Brasil, principalmente a Região Sul apresentando uma proporção menor da categoria nem-nem e só estuda.

A região Sul apresenta ainda uma participação elevada de jovens que só trabalhavam ou estava procurando emprego, independente do ano, representado um acréscimo de quase 2%. No que se refere à taxa de crescimento dos jovens estudantes e nem-nem, observa-se um acréscimo de 8,8% e um recuo de 1,5%, respectivamente.

Partindo para uma análise mais detalhada da Região Sul, objeto da presente pesquisa, observa-se na figura 2, que o grupo de maior preocupação no meio rural, é o grupo das mulheres uma vez que estas possuem menor inserção educacional tanto em 2002 quanto em 2012 (ver Figura 2). Ademais, percebe-se que aproximadamente 20% das jovens são inativas e não participam da rede de ensino.

Diante deste ensejo, busca-se analisar os condicionantes associados às escolhas ocupacionais das jovens mulheres entre estudar e/ou participar da PEA no ano 2010, levando em conta o caráter pouco explorado dessa dinâmica no Sul brasileiro. No que diz respeito à delimitação territorial, escolheu-se essa região porque apesar da reestruturação das atividades produtivas, os estados sulistas apresentaram uma maior concentração de renda ao se comparar as outras regiões do país. Ademais, seu espaço interno ainda apresenta disparidades intrarregionais relevantes. Logo, mesmo em áreas consideradas mais avançadas pelo critério do Produto Interno Bruto *per capita*, o subdesenvolvimento econômico se faz presente (MIN, 2007; EBERHARDT, 2013). O quadro piora no caso das áreas rurais onde ainda é comum a tradição da agricultura familiar no qual domina a precariedade e incapacidade do sistema educacional.

Figura 1: Rural – Distribuição de jovens por situação ocupacional 2002 e 2012.

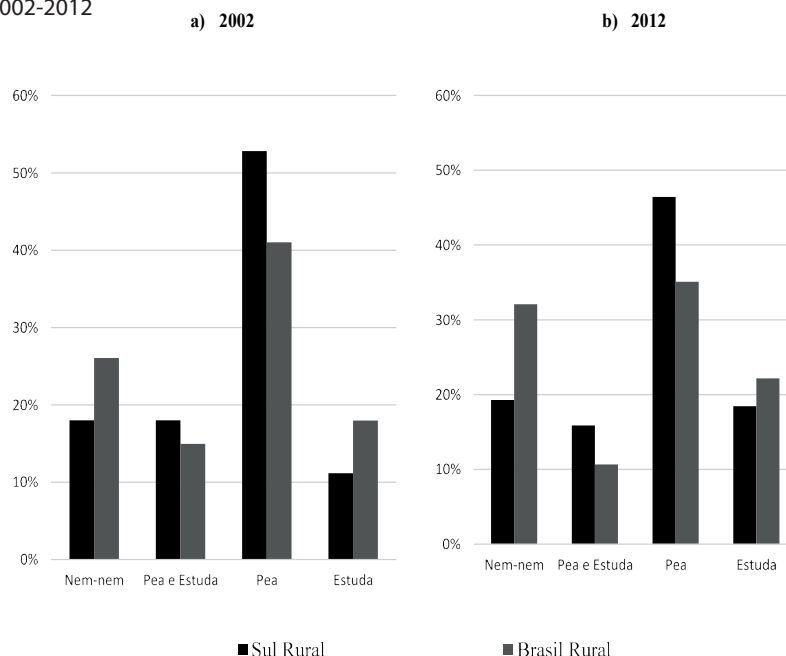


Elaboração própria a partir dos dados da PNAD.

Nota<sup>1</sup>: Resultados expandidos para população.

Nota<sup>2</sup>: Indivíduos de 15 a 29 anos.

Figura 2: Sul rural – Distribuição de jovens mulheres por situação ocupacional 2002-2012



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da PNAD. Nota<sup>1</sup>: Resultados expandidos para população.

Nota<sup>2</sup>: Indivíduos de 15 a 29 anos.

Para a elaboração do presente estudo, optou-se por dividir a pesquisa em quatro partes, além desta introdução. Inicialmente, contempla a descrição do modelo teórico, em seguida a metodologia e tratamento do banco de dados. Na sequência, reportam-se os principais resultados encontrados, ressaltando e discutindo os aspectos relevantes que culminam nas considerações finais.

## 2. Modelo Teórico

Na Teoria Econômica Neoclássica as decisões dos indivíduos são baseadas em análise de custo-benefício a partir da maximização de utilidade. Com isso, considera-se também, que as decisões de trabalho partem do mesmo preceito, da maximização de utilidade considerando dois bens, lazer e trabalho.

Na decisão de trabalho tem-se como benefício à remuneração, com esta é possível adquirir bens e serviços para seu consumo e, como custo, o menor tempo dedicado ao lazer. Como colocado por Blundell e Macurdy (1999) e Borjas (2012) os indivíduos otimizam suas escolhas entre consumo (C) e lazer (L) com o intuito de obter o nível ótimo de utilidade (U). Dessa forma, a função utilidade se resume a:

$$U = f(C, L) \quad (1)$$

Há infinitas combinações de C e L que levam ao nível ótimo de utilidade ou o grau de satisfação de um indivíduo, tais combinações revelam as preferências interpersonais desses indivíduos entre o consumo obtido através do tempo dedicado ao trabalho e

ao lazer. Dessa forma, quanto maior  $C$  e  $L$  maior  $U$ . No entanto, ambos estão restritos à sua renda e seu tempo.

Nesse modelo teórico, assume-se que parte da renda é oriunda de fatores de não trabalho e a outra parte oriunda do trabalho exercido. Para tanto, considerada ( $V$ ) como renda do não trabalho. Já ( $W$ ) a renda oriunda das horas dedicadas ao trabalho, nesse caso, o salário. Dessa forma, pode-se deduzir a restrição orçamentária ( $RO$ ) como:

$$C = W + V \quad (2)$$

A equação (2) informa que o consumo só será realizado se este for igual à soma de todas as rendas, do trabalho e do não trabalho. Por fim, as suas horas dedicadas ao lazer e ao trabalho dependerão tanto do nível de utilidade a ser atingido como da restrição orçamentária.

A solução desse problema de maximização dará a regra de decisão da escolha ou não da participação do indivíduo no mercado de trabalho, onde o indivíduo só participará se o salário de mercado, pago pelas empresas, for maior que seu salário de reserva (salário pelo qual o indivíduo está disposto a trabalhar).

Esse mesmo comportamento pode ser posto aos jovens. A função utilidade dependerá da escolha entre ofertar trabalho ou gastar seu tempo com estudo ou lazer. Essa decisão pode ser também influenciada por seus familiares e pelo próprio mercado de trabalho. Os jovens se adaptam às alterações do mercado de trabalho de acordo com suas exigências. Por exemplo, aqueles que esperam por maiores rendimentos, escolhem passar mais tempo na escola de modo a ter mais acesso a qualificação e melhores oportunidades (CAMARANO e KANSO, 2012).

A importância da análise de como os jovens aloca seu tempo em trabalho estudo ou em nenhuma dessas atividades está no fato de que essa alocação influencia seus rendimentos futuros e, por conseguinte, na perpetuação ou não da pobreza e no bem-estar da sociedade em geral.

Uma peculiaridade a ser destacada na alocação de tempo dos jovens é que esta é diferente entre homens e mulheres. O papel social e biológico reservado às mulheres se distingue dos homens. O casamento, por exemplo, traz efeitos diferenciados para ambos os sexos. Para as mulheres, o casamento traz a tradicional divisão do trabalho, de cuidados com a casa e com a família. Já para os homens, o casamento traz a obrigatoriedade de estar no mercado de trabalho.

As mulheres podem ainda, quando jovens, estarem expostas à violência, discriminação, exploração, trabalho doméstico e gravidez. Com relação aos homens a cultura social e familiar impõe que o caminho é a busca por emprego. Em ambas as circunstâncias, a motivação para buscar um grau de escolaridade maior e melhores oportunidades é diminuída.

Como encontrado por Corseuil *et al.* (2001) e Tillmann e Comim (2014) os homens estão mais propensos a trabalhar do que as mulheres. É por conta dessas diferenças entre homens e mulheres que se optou por analisar os condicionantes associados às escolhas ocupacionais das jovens mulheres entre estudar e/ou trabalhar.

A literatura especializada aponta como importante medida para entender a dinâmica do mercado de trabalho, incorporar aos estudos aspectos microeconômicos como, por exemplo, características pessoais, informações geográficas e do lar. Nesse sentido, a educação, o nível de renda, a experiência profissional, a idade, o gênero, a raça, a chefia familiar e a localização do lar são apenas alguns entre tantos aspectos que podem afetar a decisão de ofertar ou não trabalho. Tais aspectos podem afetar tanto a oferta de trabalho das mulheres quanto dos homens.

Nessa linha, Wallace *et al.* (1980) estudou o complexo mercado de trabalho das mulheres negras. Em sua análise utiliza as seguintes variáveis: status ocupacional, horários de trabalho, escolaridade, idade, presença de crianças no lar, contribuição para a renda familiar, chefia familiar, trabalhos domésticos dentre outras.

A etnia dos trabalhadores é uma variável importante para explicar sua postura no mercado de trabalho. Nesse sentido, algumas pesquisas apontam que a participação feminina na força de trabalho, por exemplo, é fortemente relacionada à sua origem (PHYLLIS, 1982; ORTIZ e COONEY, 1984; REIMERS, 1984; REIMERS, 1985; KHOUDJA e PLATT, 2018). Essas diferenças étnicas na taxa de participação na força de trabalho também podem ser explicadas pelas diferenças de composição no capital humano, nas condições domésticas e, mais recentemente, nas atitudes de gênero e na religiosidade (KHOUDJA e PLATT, 2018).

Em relação à idade, Verick (2009) aponta que fica cada vez mais difícil para indivíduos jovens, tanto entrarem no mercado de trabalho quanto permanecerem no emprego durante e após períodos de forte recessão. Alguns achados procuram relacionar as mudanças macroeconômicas ocorridas em ambientes de grande recessão e crise financeira ao baixo desempenho do mercado de trabalho juvenil (FURCERI e MOUROUGANE, 2009; DEMIDOVA e SIGNORELLI, 2011; O'HIGGINS, 2012; MARELLI *et al.*, 2012; BRADA e SIGNORELLI, 2012; BOERI *et al.*, 2013; DAL BIANCO *et al.*, 2015).

Segundo Choudhry *et al.* (2012), em geral, o desemprego total e juvenil depende de mudanças macroeconômicas, estruturais, das políticas educacionais e de mercado de trabalho, além do papel desempenhado pelas instituições que regulamentam o próprio mercado.

A seletividade do mercado de trabalho acaba dificultando a participação de uma expressiva parcela de trabalhadores. Nesse mercado, os jovens estão expostos a ganhos mais baixos (LOURENÇO, 2002), instabilidade ocupacional (SARRIERA *et al.*, 2000; ROCHA, 2008), subemprego e emprego no setor informal (CHOUDHRY *et al.*, 2012), maior vulnerabilidade a contratos temporários (BOOTH *et al.*, 2002; BALAN, 2014) e maior sensibilidade a crises econômicas (VERICK, 2009; O'HIGGINS, 2011, 2012; DAL BIANCO *et al.*, 2015).

Segundo Scarpetta *et al.* (2010), após uma recessão os trabalhadores jovens estão entre os primeiros a perderem seus empregos em função da redução na procura de mão-de-obra. Todas essas condições adversas enfrentadas pelos jovens no mercado de trabalho podem gerar uma população que não é empregada e nem está em processo de educação ou treinamento (SCARPETTA *et al.*, 2010; O'HIGGINS, 2011; BALAN, 2014).

Como visto, há um enorme corpo de literatura teórica e empírica sobre os determinantes e as diferenças de desemprego juvenil (DAL BIANCO *et al.*, 2015). Mateescu e Neagu (2014) estudando a empregabilidade de jovens recém-graduados destacam que essa população enfrenta sérios problemas para encontrar emprego em sua área de formação profissional. Segundo Lourenço (2002), a falta de experiência funciona como um entrave à obtenção de emprego. Nesse sentido, Gafiuc (2014) afirma que na Romênia os jovens são abandonados após a graduação e acabam ficando sem acesso ao mercado de trabalho.

Demidova *et al.*, (2015) analisaram o desemprego juvenil na Itália e na Rússia entre 2000 e 2009, concluíram que nos dois países já se observa taxas de desemprego juvenil superiores à da população adulta. Já Balan (2014) utilizando dados de 2012, argumenta que o desemprego juvenil é muito alto (22,1%) na Europa, o mercado de trabalho juvenil nesse continente registra um aumento do número de empregos com contratos temporários e tendência de emprego com alta instabilidade para os jovens.

Recentemente, um estudo elaborado para o Reino Unido com dados de 2009/10 a 2014/15, analisa a participação de mulheres migrantes na força de trabalho. Os grupos

eleitos são mulheres indianas, paquistanesas, bengali, do Caribe negro, da África negra e, por fim, brancas britânicas. Essa pesquisa aponta que mulheres de maioria branca como as originadas do Paquistão e de Bangladesch apresentam taxa de participação na força de trabalho baixa quando comparada a de migrantes negras vindas do Caribe (KHOUDJA e PLATT, 2018). Essa influência dos grupos étnicos sobre o mercado de trabalho já havia sido exposta no passado (CARLINER, 1981).

Bernasco *et. al* (1998) estudando o mercado de trabalho na Holanda pôde constatar que existe influencia dos recursos das pessoas sobre a realização profissional dos seus cônjuges. Assim, o estado civil parece influenciar a realização das pessoas. Por fim, a dinâmica do mercado de trabalho pode ser associada também aos níveis de educação dos agentes com efeitos sobre diferentes gerações (SIRNIÖ *et. al.*, 2017). Nesse sentido, acredita-se haver relação entre o nível de educação dos pais com a dos filhos, esse fenômeno intergeracional acaba influenciando o sucesso dos jovens no mercado de trabalho (BREEN *et al.*, 2009; MASTEKAASA, 2009; BARONE e SCHIZZEROTTO, 2011).

Dada essas colocações, pretende-se estimar um modelo de escolha ocupacional entre estudar e/ou trabalhar para as jovens mulheres da região Sul do Brasil no ano de 2010. Para tanto, utiliza-se do método econométrico descrito na próxima seção.

### 3. Metodologia

Nesta seção é apresentada a metodologia para a execução da investigação proposta. O modelo adotado será o *Logit* Multinomial, o qual tem como pressuposto o não ordenamento da variável dependente, ou seja, cada categoria é considerada única com base nas outras categorias.

#### 3.1 Estratégica empírica

A metodologia aplicada neste trabalho segue próxima à Hoffmann (2010). O modelo *Logit* Multinomial foi utilizado com o intuito de estimar o modelo de alocação do tempo das jovens mulheres entre 15 e 29 anos. Este modelo é caracterizado pela existência de uma variável policotômica, ou seja, a variável dependente assume mais de dois valores, sendo esses de natureza discreta.

O *Logit* Multinomial é adequado no caso em que a variável de resposta é qualitativa, com  $J$  possíveis categorias. Ressalta-se que nesse modelo não há vantagem alocativa entre as  $J$  categorias, assim, não há ordenamento (POWERS e XIE, 2000).

Nesse estudo, considera-se que os indivíduos tomam decisões relacionadas à distribuição do tempo gasto entre estudo e trabalho, dessa forma o indivíduo  $i$  escolhe a alternativa  $j$  que gere o maior nível de utilidade.

O modelo aplicado, incorpora quatro categorias exaustivas e mutuamente exclusivas, as quatro probabilidades para uma mesma pessoa sempre somam 1. Logo as possibilidades de escolhas são descritas como:

- Jovem que não estuda e não participa da PEA.
- Jovem que não estuda e participa da PEA;
- Jovem que estuda e não participa da PEA;
- Jovem que estuda e participa da PEA;

A variável aleatória que indica a escolha efetuada pela jovem é observada de forma indireta, pois é resultante da integração de duas outras variáveis observáveis diretas descritas a seguir:

$$E_i = \begin{cases} 1, \text{ jovem } i \text{ que Estuda} \\ 0, \text{ caso contrário} \end{cases}$$

$$T_i = \begin{cases} 1, \text{ jovem } i \text{ que Trabalha (PEA)} \\ 0, \text{ caso contrário} \end{cases}$$

Onde  $E_i$  e  $T_i$  são variáveis binárias que representam a escolha do indivíduo  $i$ .

Dessa forma as seguintes condições poderão ser obtidas por meio das combinações existentes entre essas duas variáveis:

$$JOVEM_i = \begin{cases} 1 \text{ se } T_i=0 \text{ e } E_i=0, \text{ NEM-NEM} \\ 2 \text{ se } T_i=1 \text{ e } E_i=1, \text{ PEA E ESTUDA} \\ 3 \text{ se } T_i=1 \text{ e } E_i=0, \text{ só PEA} \\ 4 \text{ se } T_i=0 \text{ e } E_i=1, \text{ só ESTUDA} \end{cases}$$

A variável dependente assume valores ordenados de um a quatro, considerando que os indivíduos têm quatro opções que se enquadram entre as determinadas características definidas como: Jovem que Nem estuda Nem participa da PEA ( $j=1$ ), Jovem que estuda e participa da PEA, ( $j=2$ ) Jovem não estuda e participa da PEA ( $j=3$ ), Jovem que estuda e não participa da PEA ( $j=4$ ). Neste trabalho, optou-se por deixar como categoria base o jovem que somente estuda ( $j=4$ ).

A estrutura geral do modelo é baseada nas análises das probabilidades, no qual a especificação do modelo é dada como:

$$P_j = \text{Prob}(JOVEM_i = j) = \frac{e^{\beta'x_i}}{\sum_{k=1}^4 e^{\beta'x_i}}, j = 1, 2, 3, 4 \quad (3)$$

Onde  $JOVEM_i$  é a variável aleatória que indica a escolha feita;  $P_j$  é a probabilidade do evento  $j$  ocorrer;  $x_i$  é a matriz de características dos indivíduos e  $\beta$  é o vetor de parâmetros a ser estimado.

Para Greene (2003) as equações estimadas são provenientes de um conjunto de probabilidades para as  $j$  escolhas (categorias) dos indivíduos dadas suas características  $x_i$  observadas, que neste estudo foram anos de estudo, raça, existência de filho, número de componentes na família.

Cabe destacar a necessidade de remoção da indeterminação no modelo através de uma normalização no qual uma alternativa é definida como base.

$$P_j = \text{Prob}(JOVEM_i = j) = \frac{e^{\beta'x_i}}{1 + \sum_{k=1}^j e^{\beta'x_i}}, j = 1, 2, 3, 4 \quad (4)$$

Supondo, por exemplo, que  $\beta=0$  obtém-se as probabilidades para a categoria utilizada como base, no qual foram escolhidos os indivíduos que só Estudam (ou seja  $j=4$ ):

$$P_j = \text{Prob}(JOVEM_i = 4) = \frac{e^{\beta'x_i}}{1 + \sum_{k=1}^j e^{\beta'x_i}}, j = 1, 2, 3, 4 \quad (5)$$

Para avaliar as estimativas do modelo logit multinomial, tem-se outra ferramenta interessante que é a razão de risco relativo (RRR), definida da seguinte maneira:

$$RRR = \frac{\frac{Prob(jovem_i = j / x+1)}{Prob(jovem_i = k / x+1)}}{\frac{Prob(jovem_i = j / x)}{Prob(jovem_i = k / x)}} \quad (6)$$

Uma forma mais prática de encontrar o RRR é simplesmente calcular o anti-log dos coeficientes estimados. A interpretação do RRR refere-se à mudança relativa nas probabilidades das escolhas<sup>5</sup>. As taxas de risco não dependem das outras escolhas e muitas vezes são utilizadas para facilitar a interpretação dos coeficientes estimados. Cabe salientar que essa estimação é conduzida via máxima verossimilhança.

### 3.2 Fonte de dados

A pesquisa considera jovens as pessoas com idade de 15 a 29 anos, como definida pelo Estatuto da Juventude, na Lei nº12.852, de 5 de agosto de 2013. Para que o estudo seja realizado serão utilizados os microdados do Censo Demográfico, para o ano de 2010. A escolha dessa base de dados consiste na gama de informações contida sobre as características demográficas e socioeconômicas da população, além de oferecer uma amostra bem superior a PNAD.

Para capturar a heterogeneidade entre as fases distintas da juventude, optou-se por estimar o modelo desagregado em três faixas etárias 15 a 17 anos, 18 a 23 anos e 24 a 29 anos. A variável dependente será criada por meio da interação de duas variáveis, no qual indica a situação em que o indivíduo se encontra em relação ao estudo e em relação ao mercado de trabalho. Dessa forma a variável dependente se torna policotômica, na qual assume quatro valores ordenados de um a quatro, correspondentes a cada uma das seguintes categorias: *i)* Nem-Nem; *ii)* Estuda e PEA; *iii)* PEA; e *iv)* Estuda.

No Quadro 1, apresenta-se todas as variáveis utilizadas na pesquisa. No entanto, com o intuito de atender os objetivos do trabalho, foram aplicados alguns recortes como, por exemplo, excluir aquelas jovens que não possuíam status de filho da pessoa responsável pelo lar. Além disso, para homogeneizar os dados foram selecionadas jovens entre 15 e 29 anos de idade, sem qualquer deficiência física e/ou mental residentes das zonas Rurais do Sul. Após essas filtragens e exclusão das observações faltantes, a amostra final do nível individual foi constituída por 31.354 observações.

<sup>5</sup>: Para mais detalhes sobre o procedimento, ver Greene (2003).

Quadro 1 - Sul: Descrição dos dados utilizados nas estimações

| Variáveis                     | Descrição das variáveis                                                                                                                                                                                                                     |
|-------------------------------|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| <b>Variável dependente</b>    |                                                                                                                                                                                                                                             |
| Situação Ocupacional          | 1 para o indivíduo Nem – Nem                                                                                                                                                                                                                |
|                               | 2 para o indivíduo que Participa da PEA e Estuda                                                                                                                                                                                            |
|                               | 3 para o indivíduo que somente participa da PEA                                                                                                                                                                                             |
|                               | 4 para o indivíduo que somente Estuda (base J=0)                                                                                                                                                                                            |
| <b>Variável independente</b>  |                                                                                                                                                                                                                                             |
| <b>Atributo Pessoal</b>       |                                                                                                                                                                                                                                             |
| F. I.*                        | 1 – para indivíduos sem instrução até com nível fundamental Incompleto; 0 caso contrário                                                                                                                                                    |
| Até Méd. I.                   | 1 – para indivíduos com nível fundamental completo até médio incompleto; 0 caso contrário                                                                                                                                                   |
| Até Sup. I.                   | 1 – para indivíduos com nível médio completo até superior incompleto; 0 caso contrário                                                                                                                                                      |
| Até Sup. C.                   | 1 – para indivíduos com nível superior completo; 0 caso contrário                                                                                                                                                                           |
| Idade                         | Idade aferida em anos de vida.                                                                                                                                                                                                              |
| Casada                        | 1 – para casada; 0 caso contrário                                                                                                                                                                                                           |
| Negra                         | 1 para cor Negra e “0” caso contrário                                                                                                                                                                                                       |
| Ser Mãe                       | 1 – para indivíduos que são mães; 0 caso contrário                                                                                                                                                                                          |
| <b>Atributo do lar</b>        |                                                                                                                                                                                                                                             |
| Apo. e Pens.                  | 1 – para lares com aposentados e/ou pensionistas; 0 caso contrário                                                                                                                                                                          |
| Programa                      | 1 – para lares que recebem bolsa-família ou programa de erradicação do trabalho infantil (PETI); 0 caso contrário                                                                                                                           |
| Até Méd. I.*                  | 1 – para chefe sem instrução e com nível fundamental incompleto e médio incompleto; 0 caso contrário                                                                                                                                        |
| Até Sup. I.                   | 1 – para chefe com nível médio completo e superior incompleto; 0 caso contrário                                                                                                                                                             |
| Até Sup. C.                   | 1 – para chefe com nível superior completo; 0 caso contrário                                                                                                                                                                                |
| Nº Irmãos                     | Número de Irmãos no domicílio                                                                                                                                                                                                               |
| Renda                         | Logaritmo da Renda per capita do lar “corrigido”, excluindo do rendimento domiciliar os rendimentos de aposentadorias e pensões e o eventual rendimento do trabalho da jovem.                                                               |
| <b>Localização Geográfica</b> |                                                                                                                                                                                                                                             |
| Dummies Estaduais             | Foram criadas <i>dummies de controle</i> para cada estado do Sul. O objetivo é tentar captar alguma diferença estadual, dada pelas peculiaridades locais de cada estado, em relação ao estado do Paraná, que servirá de base de comparação. |

Fonte: Elaboração própria com base em microdados do Censo Demográfico de 2010.

Nota: (\*) Categoria omitida.

Tabela 1: Sul – Descrição das variáveis, jovens entre 15 e 29 anos – 2010

| Variável Categóricas   |                         |          | Proporção | Erro-Padrão | Intervalo de Confiança |                        |
|------------------------|-------------------------|----------|-----------|-------------|------------------------|------------------------|
| Situação               | Nem - nem               |          | 0,0983402 | 0,0007717   | [0,096838; 0,0998632]  |                        |
|                        | Pea e Estuda            |          | 0,2885842 | 0,0011743   | [0,286288; 0,2908913]  |                        |
|                        | Pea                     |          | 0,3317847 | 0,0012203   | [0,3293973; 0,3341808] |                        |
|                        | Estuda                  |          | 0,2812908 | 0,0011653   | [0,2790125; 0,2835805] |                        |
| Faixa de idade         | 15 a 17 anos            |          | 0,4402097 | 0,0012866   | [0,4376896; 0,4427328] |                        |
|                        | 18 a 23 anos            |          | 0,4155282 | 0,0012772   | [0,413027; 0,4180337]  |                        |
|                        | 24 a 29 anos            |          | 0,1442621 | 0,0009106   | [0,1424865; 0,1460561] |                        |
| Instrução              | Até fund, Incompleto    |          | 0,1851508 | 0,0010067   | [0,1831859; 0,187132]  |                        |
|                        | Até Médio Incompleto    |          | 0,4279073 | 0,0012823   | [0,4253959; 0,4304225] |                        |
|                        | Até Superior Incompleto |          | 0,3380457 | 0,0012260   | [0,3356469; 0,3404527] |                        |
|                        | Superior completo       |          | 0,0488962 | 0,0005589   | [0,0478123; 0,0500033] |                        |
| Cor                    | Negra                   |          | 0,0218266 | 0,0003787   | [0,0210965; 0,0225813] |                        |
|                        | Não-Negra               |          | 0,9781734 |             | [0,9774187; 0,9789035] |                        |
| Ser Mãe                | Sim                     |          | 0,0909756 | 0,0007453   | [0,0895253; 0,092447]  |                        |
|                        | Não                     |          | 0,9090244 |             | [0,907553; 0,9104747]  |                        |
| Casada                 | Sim                     |          | 0,0715948 | 0,0006682   | [0,0702961; 0,0729155] |                        |
|                        | Não                     |          | 0,9284052 |             | [0,9270845; 0,9297039] |                        |
| Instrução do Chefe     | Até Médio incompleto    |          | 0,9177812 | 0,0007119   | [0,916375; 0,9191659]  |                        |
|                        | Até superior incompleto |          | 0,0672579 | 0,0006491   | [0,0659967; 0,0685414] |                        |
|                        | Superior completo       |          | 0,0149609 | 0,0003146   | [0,0143566; 0,0155902] |                        |
| Estado                 | Paraná                  |          | 0,3795931 | 0,0012577   | [0,3771311; 0,3820613] |                        |
|                        | Santa Catarina          |          | 0,2626304 | 0,0011405   | [0,2604011; 0,2648719] |                        |
|                        | Rio do Grande do Sul    |          | 0,3577765 | 0,0012423   | [0,3553453; 0,3602151] |                        |
| Programa Social        | Aufere                  |          | 0,1955709 | 0,0010280   | [0,8024064; 0,806436]  |                        |
|                        | Não Aufere              |          | 0,8044291 |             | [0,193564; 0,1975936]  |                        |
| Aposentado/Pensionista | Aufere                  |          | 0,2974303 | 0,0011847   | [0,2951135; 0,2997576] |                        |
|                        | Não Aufere              |          | 0,7025697 |             | [0,7002424; 0,7048865] |                        |
| Variáveis Contínuas    |                         | Mínimo   | Máximo    | Média       | Erro-Padrão            | Intervalo de Confiança |
| Idade                  | 15                      | 29       | 19,07107  | 0,0095681   |                        | [19,05232; 19,08983]   |
| Irmãos                 | 1                       | 16       | 2,350724  | 0,0031331   |                        | [2,344584; 2,356865]   |
| Renda (logaritmo)      | 1,098612                | 11,91839 | 5,818295  | 0,0024445   |                        | [5,813504; 5,823087]   |

Fonte: Elaboração própria com base em microdados do Censo Demográfico de 2010.

Nota: Resultados expandidos para o universo. Nota<sup>1</sup>: Nível de confiança de 95%.

A Tabela 1 apresenta as estatísticas descritivas do banco de dados após o devido tratamento das variáveis e exclusão dos valores faltantes para o Sul no ano de 2010. Os dados indicam que 9% dos indivíduos são inativos e não estudam, 28% simultaneamente participam da PEA e estudam, 33% somente participam da PEA e 28% somente estudam. Ademais averiguando as faixas etárias ressalta-se que 44 % das jovens tem idade entre 15 e 17 anos, 41% estão entre o intervalo de 18 a 23 anos e 14% estão entre 24 e 29 anos.

É possível observar que a quantidade de jovens que são mães e casadas correspondem, na devida ordem, a 9% e 7%, com média de 19 anos de idade, boa parte de cor não negra (97%), com faixa de escolaridade entre Fundamental Completo até Médio Incompleto (42%), possuindo em média de 2 irmãos por domicílio, 19% das

famílias auferem renda referente a programas sociais como Bolsa Família e Peti, 29% dos lares possuem algum aposentado ou pensionista, com pais que nem sequer terminaram o ensino médio (pouco mais de 91%), com renda per capita do lar de R\$542,97, localizados em sua maioria no estado do Paraná (38%).

#### 4. Resultados

Nesta seção, são apresentados na Tabela 2 os resultados do modelo multinomial para as situações de estudo e participação na PEA das jovens moradoras do Sul rural brasileiro para três subamostras de idade: (a) 15 a 17 anos; (b) 18 a 23 anos; (c) 24 a 29 anos. É de suma importância destacar que o modelo necessita da escolha de uma categoria base, que na presente pesquisa é a de apenas estudar. A estimação das razões relativas de risco permite observar as chances que as jovens possuem de transitar da categoria Estuda (categoria base) para as três outras categorias, em face de variações nas variáveis explicativas.

No referente à idade, observa-se que independente da faixa analisada quanto maior a idade da mulher maior a probabilidade de ela apenas participar da PEA, ser nem-nem ou participar da PEA e estudar. Adicionalmente, observa-se ainda que o efeito da idade é superior na categoria PEA, esse resultado está relacionado com a tendência natural à disposição ao trabalho à medida que as jovens se tornam mais velhas.

Em linhas gerais, a escolaridade do indivíduo mostrou-se primordial para dirimir a exclusão social juvenil no país, elevando as chances de participação na PEA (seja estudando ou não ao mesmo tempo). Entretanto, chama-se a atenção para as jovens situadas no intervalo da adolescência, pois o fato de ter uma maior escolaridade tende a elevar as chances de estar na ocupação nem-nem, acredita-se que isso ocorre porque ao se aproximar do ciclo final escolar tornam-se mais acentuadas as incertezas e as responsabilidades do que fazer ao assumir a fase adulta.

É possível destacar ainda sobre educação, que as jovens com chefes mais educados aumentam as chances relativas delas em estarem estudando, o que já era esperado, pois pais mais instruídos tendem a dar mais valor ao conhecimento (CIRÍACO, 2015).

O casamento contribui para elevar as chances de ser nem-nem e participar da PEA corroborando com os resultados obtidos por Tillmann e Comim (2016). Contudo para o corte final da juventude observou-se que este efeito é bem superior. Em destaque, cita-se que há aproximadamente 25 vezes mais chances de passarem da situação estuda para a nem-nem.

Tabela 2: Sul – Determinantes da situação ocupacional para as mulheres jovens nas áreas rurais – 2010

|                | (A) 15 a 17 anos          |                          |                           | (B) 18 a 23 anos     |                        |                        | (C) 24 a 29 anos     |                         |                        |
|----------------|---------------------------|--------------------------|---------------------------|----------------------|------------------------|------------------------|----------------------|-------------------------|------------------------|
|                | Nem-nem                   | Pea e estuda             | Pea                       | Nem-nem              | Pea e estuda           | Pea                    | Nem-nem              | Pea e estuda            | Pea                    |
| Idade          | 1,650***<br>(0,0420)      | 1,300***<br>(0,0150)     | 2,751***<br>(0,0649)      | 1,187***<br>(0,0132) | 1,159***<br>(0,0112)   | 1,359***<br>(0,0124)   | 1,228***<br>(0,0350) | 1,220***<br>(0,0340)    | 1,302***<br>(0,0342)   |
| Até Méd. I.    | 0,426***<br>(0,0182)      | 1,489***<br>(0,0338)     | 0,533***<br>(0,0211)      | 0,606***<br>(0,0296) | 2,441***<br>(0,128)    | 1,084*<br>(0,0467)     | 0,529***<br>(0,0712) | 1,624***<br>(0,238)     | 0,990<br>(0,125)       |
| Até Sup. I.    | 4,412***<br>(0,289)       | 1,909***<br>(0,0943)     | 5,110***<br>(0,288)       | 0,994<br>(0,0467)    | 3,645***<br>(0,185)    | 2,137***<br>(0,0885)   | 0,628***<br>(0,0776) | 3,029***<br>(0,404)     | 1,390***<br>(0,161)    |
| Até Sup. C.    | -                         | -                        | -                         | 0,522***<br>(0,0545) | 2,989***<br>(0,242)    | 1,848***<br>(0,135)    | 0,516***<br>(0,0908) | 4,810***<br>(0,801)     | 2,409***<br>(0,363)    |
| Casada         | 7,359***<br>(0,686)       | 1,141<br>(0,0916)        | 3,894***<br>(0,367)       | 5,306***<br>(0,436)  | 1,093<br>(0,0925)      | 3,622***<br>(0,274)    | 25,96***<br>(-8,725) | 7,469***<br>(-2,518)    | 17,32***<br>(-5,758)   |
| Ser mãe        | 14,06***<br>(1,277)       | 0,756**<br>(0,0829)      | 4,988***<br>(0,507)       | 5,831***<br>(0,403)  | 1,167**<br>(0,0874)    | 2,924***<br>(0,192)    | 6,700***<br>(1,030)  | 1,897***<br>(0,299)     | 4,861***<br>(0,721)    |
| Programa       | 1,043<br>(0,0467)         | 1,236***<br>(0,0283)     | 0,765***<br>(0,0328)      | 0,776***<br>(0,0360) | 0,787***<br>(0,0347)   | 0,735***<br>(0,0294)   | 0,489***<br>(0,0660) | 0,464***<br>(0,0676)    | 0,387***<br>(0,0489)   |
| Apo. e Pens.   | 0,947<br>(0,0441)         | 1,243***<br>(0,0268)     | 1,437***<br>(0,0532)      | 0,913**<br>(0,0341)  | 1,040<br>(0,0330)      | 1,109***<br>(0,0332)   | 1,281***<br>(0,114)  | 1,360***<br>(0,116)     | 1,384***<br>(0,110)    |
| Negra          | 0,659***<br>(0,0799)      | 0,655***<br>(0,0416)     | 0,857<br>(0,0889)         | 0,959<br>(0,0943)    | 0,770***<br>(0,0763)   | 0,702***<br>(0,0617)   | 1,663*<br>(0,469)    | 1,496<br>(0,434)        | 1,089<br>(0,294)       |
| Nº irmão       | 1,154***<br>(0,0160)      | 0,993<br>(0,00792)       | 1,208***<br>(0,0154)      | 1,157***<br>(0,0163) | 1,029**<br>(0,0138)    | 1,090***<br>(0,0134)   | 1,138***<br>(0,0423) | 1,011<br>(0,0388)       | 1,065*<br>(0,0370)     |
| Renda          | 0,843***<br>(0,0194)      | 1,256***<br>(0,0141)     | 1,023<br>(0,0206)         | 0,646***<br>(0,0133) | 1,073***<br>(0,0188)   | 0,829***<br>(0,0138)   | 0,660***<br>(0,0350) | 1,256***<br>(0,0649)    | 0,975<br>(0,0471)      |
| Até Sup. I.    | 0,165***<br>(0,0235)      | 0,609***<br>(0,0217)     | 0,313***<br>(0,0252)      | 0,417***<br>(0,0290) | 0,799***<br>(0,0366)   | 0,396***<br>(0,0188)   | 0,839<br>(0,167)     | 1,105<br>(0,190)        | 0,746*<br>(0,124)      |
| Até Sup. C.    | 0,427***<br>(0,0846)      | 0,499***<br>(0,0394)     | 0,129***<br>(0,0291)      | 0,356***<br>(0,0494) | 0,663***<br>(0,0532)   | 0,134***<br>(0,0138)   | 0,217***<br>(0,0569) | 0,194***<br>(0,0370)    | 0,0986***<br>(0,0179)  |
| Santa Catarina | 0,914*<br>(0,0450)        | 1,538***<br>(0,0346)     | 1,484***<br>(0,0610)      | 1,040<br>(0,0464)    | 1,776***<br>(0,0671)   | 1,900***<br>(0,0684)   | 0,475***<br>(0,0538) | 0,822*<br>(0,0897)      | 0,848<br>(0,0865)      |
| Rio G. do Sul  | 1,019<br>(0,0432)         | 1,362***<br>(0,0284)     | 1,423***<br>(0,0540)      | 0,688***<br>(0,0260) | 1,245***<br>(0,0398)   | 1,190***<br>(0,0359)   | 0,471***<br>(0,0476) | 0,799**<br>(0,0787)     | 0,799**<br>(0,0734)    |
| Constante      | 8,40e-05***<br>(3,59e-05) | 0,00166***<br>(0,000325) | 6,57e-09***<br>(2,64e-09) | 0,357***<br>(0,0888) | 0,0216***<br>(0,00475) | 0,0104***<br>(0,00212) | 0,186**<br>(0,148)   | 0,00251***<br>(0,00197) | 0,0124***<br>(0,00912) |
| Observações    | 13.826                    | 13.826                   | 13.826                    | 13.009               | 13.009                 | 13.009                 | 4.519                | 4.519                   | 4.519                  |

Fonte: Elaboração própria com base em microdados do Censo Demográfico de 2010.

Nota: Desvio - Padrão em Parênteses. \*\*\* p<0,01, \*\* p<0,05, \* p<0,1

Ser mãe, independentemente da idade, eleva as chances de inatividade educacional e laboral. Contudo, observa-se que este efeito é superior na fase da adolescência, aumentando em 14 vezes as chances de transitar para a categoria nem-nem o que já é esperado dado que a gravidez indesejada é um fator que explica o abandono escolar precoce.

Segundo Monteiro (2013), há uma forte associação entre ter filho pequeno (bebê) e estar enquadrada na geração nem-nem, principalmente em locais onde a oferta de creches públicas é pequena. A autora ainda enfatiza que a interação entre pobreza e a idade pode ainda reforçar a problemática.

No referente ao efeito de programas sociais para as pessoas de 15 a 29 anos, a análise aponta para a existência de efeitos positivos sobre a probabilidade de estar somente estudando. É possível ainda que os efeitos de Programas Sociais elevem as chances das jovens entre 15 e 17 anos a participarem da PEA e estudar, enquanto reduzem as chances de só participar da PEA.

Sugere-se que o último resultado pode estar associado ao fato de que o rendimento

de programas sociais pode não ser suficiente para a adolescente se manter integralmente dedicada aos estudos uma vez que nas zonas rurais os ganhos financeiros são menores estimulando a participação em atividades agrícolas, atrelado ainda ao fato de que para auferir o rendimento, deve-se frequentar a rede escolar.

O efeito das aposentadorias e pensões é distinto entre as faixas de idade. No caso das jovens nos intervalos de idade inicial, aponta-se para um aumento nas chances de transitar para a categoria economicamente ativa independente de estudar ou não. Enquanto que para as de faixa de idade intermediária, reduzem-se as chances de transitar para a situação nem-nem ao passo que aumentam as chances de participação na PEA. Ressalta-se ainda que para o último intervalo etário ter aposentados/pensionista no domicílio aumentam as chances de as jovens encontrarem-se na categoria nem- nem em 28%, PEA em 38% e PEA e Estuda em 36%.

Não há ainda um consenso na literatura sobre o impacto das aposentadorias e pensões nas escolhas ocupacionais dos jovens. Segundo Reis e Camargo (2007) a existência de renda de pensões e aposentadorias aumenta as chances de a juventude transitar para categoria estudante. Ademais, para os autores, a presença de aposentados e pensionistas também poderia levar o jovem para a categoria nem- nem.

No referente à raça, para as mulheres na faixa de idade inicial, observou-se que o fato de ser negra reduz a chance relativa de ser nem-nem bem como participar da PEA e Estudar, tal resultado pode estar associado ao fato de que nesta fase da vida o acesso ao ensino pela lei vigente é obrigatório estimulando a participação na rede de ensino (categoria base).

Ainda com relação à raça no caso da faixa intermediária, observa-se uma queda nas chances relativas de participação no mercado de trabalho independente de estudar ou não. Enquanto que para as jovens na fase final da juventude, há uma maior chance da mulher jovem negra da área rural da Região Sul decidir pela inatividade, ou seja, não está trabalhando, nem procurando emprego e nem estudando. Este resultado corrobora com Itaborai (2014), onde há maior probabilidade de encontrar jovens nem-nem entre mulheres, principalmente negras e de baixa renda.

No caso de ter irmãos, observou-se que à medida que estes aumentam, maior a probabilidade da jovem mulher escolher não estudar nem participar da população economicamente ativa, essas chances aumentam independente da faixa de idade em mais de 13% a cada novo membro adicionado no domicílio.

Este resultado pode estar associado ao cuidado dos irmãos pequenos, estimulando a inatividade entre os demais membros da família. Ao mesmo tempo, observou-se um aumento nas chances de inserção na PEA, crescendo, no mínimo em mais de 6%, o que era esperado devido a menor renda per-capita familiar auferida, incentivando a entrada na força de trabalho.

No referente à riqueza do lar, observa-se que a dedicação exclusiva ao estudo está atrelada a uma maior renda domiciliar. Isso ocorre porque o recente aumento da renda média dos adultos e principalmente dos chefes de família torna possível manter a população jovem nos estudos, seja exclusivamente dedicado à educação formal ou trabalhando simultaneamente (CABANAS *et al.*, 2015).

Por fim, sobre as variáveis regionais, analisando as adolescentes, observa-se que as moradoras de Santa Catarina são mais propensas a participar da PEA e estudar, além de possuir menores chances relativas de serem nem-nem, enquanto no Rio grande do Sul, há maior probabilidade de estarem estudando e participando da PEA. Para a segunda faixa etária o fato de residir em Santa Catarina e Rio Grande do Sul tende a elevar as chances de participação na rede de ensino formal bem como na população economicamente ativa, mas as chances de inatividade laboral e educacional são menores e estatisticamente significantes para as moradoras gaúchas. Por fim, no referente as jovens na fase final

da juventude, em comparação com ao Paraná, indicam que as residentes em Santa Catarina e Rio grande do Sul possuem menores chances relativas de serem nem-nem, como também simultaneamente participar da PEA e Estudar.

## 5. Considerações finais

A exclusão social juvenil nas áreas rurais é um problema social que tem consequências de longo prazo na vida dos jovens, favorecendo o crescimento da pobreza. No Sul, apesar da expansão da rede de ensino e do crescimento de atividades econômicas no campo e em pequenos vilarejos, ainda há um número significativo de jovens que nem participam da PEA e nem da rede de ensino, afligindo principalmente o público feminino. Nesse cenário, este artigo procurou investigar os determinantes das escolhas ocupacionais dessas jovens mulheres no Sul rural, com atenção especial para os possíveis efeitos associadas às características individuais, familiares e locais.

Desta forma, buscou-se complementar as pesquisas de Leme e Wajnman (2000), Vieira Silva e Kassouf (2002), assim como, as realizadas por Cardoso (2013), Monteiro (2013), Menezes Filho et al., (2013), Cabanas et al., (2015). Tais pesquisas buscaram analisar, sobretudo, as escolhas ocupacionais dos jovens sobre trabalho e estudo, considerando determinadas características domiciliares.

Por meio das apreciações feitas, observou-se que a educação é primordial para dirimir a exclusão social juvenil, elevando as chances de participação na PEA, seja exclusivamente dedicado ou estudando ao mesmo tempo. Contudo, para as jovens adolescentes, ter uma maior escolaridade eleva as chances de estar na ocupação nem-nem, tal fato pode estar associado, por vezes a falta maturidade emocional necessária, uma vez que a cultura incentiva que o jovem ao finalizar o ensino médio, inicie sua vida no mercado de trabalho ou/e acadêmica. Já a educação dos pais influencia de forma positiva na decisão de apenas Estudar, ressaltando a importância do capital humano na trajetória dessas mulheres.

Ao se cotejar as características pessoais, observa-se que o fato de ter filhos tende a incentivar a jovem a transitar para a categoria nem-nem, dado que a falta de opção para cuidados dos filhos e a inflexibilidade da jornada de trabalho pode tornar oneroso seu engajamento profissional bem como aumentar o atraso escolar, principalmente na fase da adolescência.

Diante deste ensejo, é de suma importância políticas de planejamento familiar e, que em última instância, seriam potencializadas através de ampliação da quantidade de creches e escolas nas zonas rurais, pois podem minimizar as atribuições ocasionadas pela presença de filhos pequenos. Ademais, no intuito de que essas jovens não recaiam no mundo das drogas, marginalização e gravidez indesejada, destarte a necessidade de criação/reformulação de políticas de amparo à família dessas jovens, principalmente aquelas localizadas em regiões de pouco acesso, com intuito de direcionar ou facilitar a inserção social na camada economicamente ativa da sociedade.

## Referências

ABREU, C. N. Teoria do Apego: Fundamentos, Pesquisas e Implicações Clínicas. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

BÁLAN, M. Youth labor market vulnerabilities: characteristics, dimensions and costs. *Procedia Economics and Finance*, v. 8, p. 66-72, 2014.

BARBERÍA, J. L. Generación “ni-ni”: ni estudia ni trabaja. *El país*, v. 22, n. 6, 2009.

BARONE, C.; SCHIZZEROTTO, A. Introduction: Career mobility, education, and intergenerational reproduction in five European societies. *European Societies*, v. 13, n. 3, p. 331-345, 2011.

BASTOS, R. L. A.; MATOS, J. D. A inserção ocupacional dos jovens na Região Metropolitana de Porto Alegre: principais características, mudanças e permanências. *Revista da ABET*, v. 6, n. 2, 2007.

BENJET, C. et al. Jóvenes que ni estudian ni trabajan: salud mental, educación y empleo. *Salud Pública de México*, v. 54, n. 4, p. 410-417, 2012.

BERNASCO, W.; DE GRAAF, P. M.; ULTEE, W. C. Effects of spouse's resources on occupational attainment in the Netherlands. *European sociological review*, v. 14, n. 1, p. 15-31, 1998.

BLUNDELL, R.; MACURDY, T. Labor supply: A review of alternative approaches. In: *Handbook of labor economics*. Elsevier, p. 1559-1695, 1999.

BOERI, T.; GARIBALDI, P.; MOEN, E. R. Financial shocks and labor: facts and theories. *IMF Economic Review*, v. 61, n. 4, p. 631-663, 2013.

BOOTH, A. L.; FRANCESCONI, M.; FRANK, J. Temporary jobs: stepping stones or dead ends?. *The economic journal*, v. 112, n. 480, 2002.

BORJAS, G. *Economia do Trabalho*. Porto Alegre: AMGH, 2012.

BOWLBY, J. *Apego e perda: separação, angústia e raiva*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BRADA, J. C.; SIGNORELLI, M. Comparing labor market performance: Some stylized facts and key findings. *Comparative Economic Studies*, v. 54, n. 2, p. 231-250, 2012.

BREEN, R.; LUIJKX, R.; MÜLLER, W.; POLLAK, R. Nonpersistent inequality in educational attainment: Evidence from eight European countries. *American Journal of Sociology*, v. 114, n. 5, p. 1475-1521, 2009.

CABANAS, P. H. F.; KOMATSU, B. K.; MENEZES FILHO, N. *O crescimento da renda dos adultos e as escolhas dos jovens entre estudo e trabalho*. São Paulo: Insper: Centro de Políticas Públicas, 2015. Disponível em: <http://www.insper.edu.br>. Acesso em: 21 fev. 2018.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S. o que estão fazendo os jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho?. *Mercado de trabalho*, v. 53, p. 38, 2012.

CAMARANO, A. A.; KANSO, S.; MELLO, J. L.; ANDRADE, A. Estão fazendo a transição os

jovens que não estudam, não trabalham e não procuram trabalho?. In: Ana Amélia Camarano. (Org.). *Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?*. Rio de Janeiro: IPEA, 2006.

CARDOSO, A. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. *Caderno CRH*, Salvador, v. 26, n. 68, agosto de 2013.

CARLINER, G. Female labor force participation rates for nine ethnic groups. *The Journal of Human Resources*, v. 16, n. 2, p. 286-293, 1981.

CHOUDHRY, M.; MARELLI, E.; SIGNORELLI, M. Youth and total unemployment rate: The impact of policies and institutions. *Rivista internazionale di scienze sociali*, 2012.

CIRÍACO, J.S. A situação ocupacional dos jovens no Brasil: 2002 a 2012. Dissertação (Mestrado em Economia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

COBO, B.; SABOIA, A. L. A geração canguru no Brasil. In: XVII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Caxambu. *Anais do XVII Encontro Nacional de Estudos Populacionais*, ABEP, 2010.

CORSEUIL, C. H.; SANTOS, D. D.; FOGUEL, M.N. Decisões críticas em idades críticas: a escolha dos jovens entre estudo e trabalho no Brasil e em outros países da América Latina. v. 797. Ipea, 2001.

D'ALESSANDRE, V. Adolescentes que no estudian ni trabajan en América Latina. *Sistema de Información sobre los Derechos del Niño en la Primera Infancia en los países de América Latina [SITEAL]*, v. 4, 2010.

DAL BIANCO, S.; BRUNO, R. L.; SIGNORELLI, M. The joint impact of labour policies and the "Great Recession" on unemployment in Europe. *Economic Systems*, v. 39, n. 1, p. 3-26, 2015.

DE VOS, S. Leaving the parental home: patterns in six Latin American countries. *Journal of Marriage and the Family*, n. 51, p. 615-626, Aug. 1989.

DEMIDOVA, O.; MARELLI, E.; SIGNORELLI, M. Youth labour market performances in the Russian and Italian regions. *Economic Systems*, v. 39, n. 1, p. 43-58, 2015.

DEMIDOVA, O.; SIGNORELLI, M. The impact of crises on youth unemployment of Russian Regions: An empirical analysis. *China-USA business review*, v. 10, n. 7, 2011.

EBERHARDT, P. H. C. Estágios do desenvolvimento econômico regional no sul do Brasil. Dissertação (Desenvolvimento Regional e Agronegócio) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo. 2013.

FILGUEIRA, C. H.; AMOROSO, G.; FUENTES, A. Condiciones habitacionales de la juventud:

elementos para el diseño de una política de vivienda. CEPAL, Oficina de Montevideo, 1997.

FURCERI, D.; MOUROUGANE, A. The effect of financial crises on potential output: new empirical evidence from OECD countries. OECD Economic Department Working Papers, n. 699, p. 1, 2009.

FURLONG, A. Not a very NEET solution: representing problematic labour market transitions among early school-leavers. *Work, employment and society*, v. 20, n. 3, p. 553-569, 2006.

GAFIUC, P. V. Educational Concepts for Social Inclusion on the Labor Market of Young People at Risk. *Procedia-Social and Behavioral Sciences*, v. 142, p. 481-486, 2014.

GREENE, W. *Econometric Analysis*. 5ª ed. New York. Prentice Hall, 2003.

GUTIÉRREZ, G. R. A.; MARTÍNEZ, K. I.; PACHECO, T. A. Y. Los jóvenes que no estudian ni trabajan en México. *Enseñanza e Investigación en Psicología*, v. 19, n. 2, 2014.

HOFFMANN, R. Como aposentadorias e pensões afetam a educação e o trabalho de jovens do domicílio. *Revista Economia e Sociedade*, Campinas, v. 19, n.38, p. 201-209, 2010.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Censo Demográfico 2000 – documentação dos microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, nov. 2002.

. Censo Demográfico 2010 – documentação dos microdados da amostra. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2002. Rio de Janeiro: IBGE, 2003. CDROM.

. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2012. Rio de Janeiro: IBGE, 2013. CDROM.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/agencia/image/stories/PDFs/130722\\_apresentacao2\\_juventudedemografia.pdf](http://www.ipea.gov.br/agencia/image/stories/PDFs/130722_apresentacao2_juventudedemografia.pdf)>. Acesso em: 15 de junho de 2014.

. Instituto de Pesquisa Econômica. Juventude levada em conta, 2013. Disponível em: <[http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/presi/2\\_neri\\_et\\_al\\_pt.pdf](http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/presi/2_neri_et_al_pt.pdf)>. Acesso em: 15 de junho de 2014.

ITABORAÍ, N.R. Entre os "nem nem" e a "geração canguru": paradoxos das desigualdades de classe e gênero nas transições juvenis brasileiras, 2014. Disponível em: <[http://www.alapop.org/Congreso2014/DOCSFINAIS\\_PDF/ALAP\\_2014\\_FINAL202.pdf](http://www.alapop.org/Congreso2014/DOCSFINAIS_PDF/ALAP_2014_FINAL202.pdf)> . Acesso em: 21 fev. 2018.

KHOUDJA, Y.; PLATT, L. Labour market entries and exits of women from different origin countries in the UK. *Social science research*, v. 69, p. 1-18, 2018.

LEME, M. C. da S.; WAJNMAN, S. A alocação do tempo dos adolescentes brasileiros entre o trabalho e a escola. *Anais. Encontro Brasileiro de Estudos Populacionais*, Caxambu, 2000.

LOURENÇO, C. L. Características da inserção ocupacional dos jovens no Brasil. 2002. 131 f. Dissertação (Mestrado)-Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2002.

MAGUIRE, S.; RENNISON, Jo. Two years on: The destinations of young people who are not in education, employment or training at 16. *Journal of Youth Studies*, v. 8, n. 2, p. 187-201, 2005.

MARELLI, E.; PATUELLI, R.; SIGNORELLI, M. Regional unemployment in the EU before and after the global crisis. *Post-communist economies*, v. 24, n. 2, p. 155-175, 2012.

MASTEKAASA, A. Social origins and labour market success - stability and change over Norwegian birth cohorts 1950–1969. *European Sociological Review*, v. 27, n. 1, p. 1-15, 2009.

MATEESCU, L. M.; NEAGU, A. M. Opportunities of labour market integration for young professionals. *Procedia Economics and Finance*, v. 8, p. 444-452, 2014.

MENEZES FILHO, N.A.; CABANAS, P. H. F.; KOMATSU, B. K. A Condição “Nem- nem” entre os Jovens é Permanente? Policy Paper n.7. São Paulo: Insper, 2013.

MIN -Ministério da Integração Nacional. Política Nacional de Desenvolvimento Regional. Brasília: IICA/MIN, 2007

MONTEIRO, J. Quem são os jovens nem-nem?: Uma análise sobre os jovens que não estudam e não participam do mercado de trabalho. Texto de discussão. FGV/ Ibpe, n.34, set. de 2013.

MORAIS, M. P.; RÊGO, P. A. Coabitação familiar e formação de novos domicílios nas áreas urbanas brasileiras. *Boletim regional, urbano e ambiental*, IPEA, 2011.

O'HIGGINS, N. The impact of the economic and financial crisis and the policy response on youth employment in the European Union. In: *Effaces International Workshop*, Perugia, November. p. 10- 11, 2011.

O'HIGGINS, N. This time it's different? Youth labour markets during 'the Great Recession'. *Comparative Economic Studies*, v. 54, n. 2, p. 395-412, 2012.

OIT, Organização Internacional do Trabalho. Trabajo Decente y Juventud en América Latina. Oficina Internacional de Trabajo OIT. Proyecto Promoción del Empleo Juvenil en

América Latina (Prejal). Perú: Lima, 2010.

ORTIZ, V.; COONEY, R. S. Sex-role attitudes and labor force participation among young Hispanic females and non-Hispanic white females. *Social Science Quarterly*, v. 65, n. 2, p. 392-400, 1984.

PEMBERTON, S.; Tackling the NEET generation and the ability of policy to generate a 'NEET'solution—evidence from the UK. *Environment and Planning C: Government and Policy*, v. 26, n. 1, p. 243-259, 2008.

PHYLLIS, W. *Black Women in the Labor Force*, Cambridge: MIT Press, 1982.

POWERS, D.; XIE, Y. *Statistical methods for categorical analysis*. Academic Press, 2000.

REIMERS, C. W. Cultural differences in labor force participation among married women. *The American Economic Review*, v. 75, n. 2, p. 251-255, 1985.

REIMERS, C. W. Sources of the Family Income Differentials among Hispanics, Blacks, and White Non-Hispanics, *American Journal of Sociology*, v. 89, p. 889-903, 1984.

REIS, M. C.; CAMARGO, J. M. C. Impactos de aposentadorias e pensões sobre a educação e a participação dos jovens na força de trabalho. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, v. 37, n. 2, p. 221-246, 2007.

ROCHA, S. A inserção dos jovens no mercado de trabalho. Salvador: Caderno CRH, v.21, n.54, p.533- 550, 2008.

RODRÍGUEZ, E. Jóvenes que ni estudian ni trabajan en América Latina: Entre la estigmatización y la ausencia de políticas públicas. *Pensamiento Penal*, v. 138, 2012.

RODRÍGUEZ, E. Jóvenes que ni estudian ni trabajan en América Latina: entre la estigmatización y la ausencia de políticas públicas. *Umbral*, v.1, n.22, p. 81-100, 2011.

SARRIERA, J. C.; CÂMARA, S. G.; BERLIM, C. S. Elaboração, desenvolvimento e avaliação de um programa de inserção ocupacional para jovens desempregados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v. 13, n.1, 2000.

SCARPETTA, S.; SONNET, A.; MANFREDI, T. Rising Youth Unemployment During the Crisis: How to Prevent Negative Long-term Consequences on a Generation?. *OECD Social, Employment and Migration. Working Papers*, n.6, 2010.

SIRNIÖ, O.; KAUPPINEN, T. M.; MARTIKAINEN, P. Intergenerational determinants of joint labor market and family formation pathways in early adulthood. *Advances in Life Course Research*, v. 34, p. 10-21, 2017.

TILLMANN, E. A.; COMIM, F. V. Fatores da determinação do tempo entre trabalhar e

estudar dos jovens no Brasil. Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. p.32. 2014.

TILLMANN, E.A.; COMIM, F. Os determinantes da decisão entre estudo e trabalho dos jovens no Brasil e a geração Nem-Nem. *Pesquisa e Planejamento Econômico*, v. 46, n. 2, , pp. 47-78, Ago. 2016.

VERICK, S. Who is hit hardest during a financial crisis? The vulnerability of young men and women to unemployment in an economic downturn, IZA Discussion Papers, n. 4359, 2009.

VIEIRA, A. C. S.; RAVA, P. G. S. Ninho cheio: uma nova etapa do ciclo vital familiar? *Barbarói*, n.33, p. 118-134, 2010.

VIEIRA SILVA, N.D; KASSOUF, A.L. O trabalho e a escolaridade dos jovens brasileiros. In: XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais, Ouro Preto: ABEP, 4 a 8 de novembro de 2002.

WALLACE, P. A.; DATCHER-LOURY, L.; MALVEAUX, J. Black women in the labor force. MIT Press (MA), 1980.

YATES, Scott; PAYNE, Malcolm. Not so NEET? A critique of the use of 'NEET' in setting targets for interventions with young people. *Journal of youth studies*, v. 9, n. 3, p. 329-344, 2006.